

Entrevista com Manuel Candido, 19/11/2018

Local da entrevista: Sua residência em Rua Vigilante municipal

Entrevistadores: Débora Oliveira e Luciane Chagas Brasil

Vídeo e áudio:

Luciane Chagas Brasil: Primeira entrevista, seu Maninho. Gravação sequência 1 (Claquete)

Débora Oliveira: Boa tarde seu maninho!

Manuel Candido: Boa tarde!

DO: Tudo bem?

MC: Tudo bem!

DO: Meu nome é Débora, é um prazer estar aqui na casa do Senhor!

MC: O prazer é meu

DO: É um prazer o senhor ter nos recebido também. Éé... A gente quer saber um pouco mais da história de vida do senhor. E para isso eu irei fazer algumas perguntas.

MC: Duas coisas não é ... É que eu nunca matei ninguém e nem roubei!

DO: Ótimo (risos)

MC: (risos)

DO: Então, é ... Eu queria que o senhor falasse o seu nome completo, o ano que o senhor nasceu, e o local que o senhor nasceu. Por favor!

MC: A idade? O ano que eu nasci?

DO: Vamos por parte. O nome do senhor completo?

MC: Manuel Cândido

DO: Manuel Cândido não é?

MC: É ...

DO: O ano que o senhor nasceu?

MC: 1939

DO: E o local que o senhor nasceu?

MC: Foi na cidade de São Gonçalo do Amarante.

DO: Onde fica?

MC: Rio grande do norte.

DO: Rio Grande do Norte. Então o senhor poderia contar pra gente um pouco sobre a sua família de lá?

MC: A de lá?

DO: Isso.

MC: Lá é uma família normal, muita gente (risos), é muita gente.

DO: Muita gente?!

MC: É!

DO: E como foi a infância do senhor lá no Rio Grande do Norte?

MC: Minha infância?

DO: Isso.

MC: Talvez... Pra mim foi uma infância muito boa!

DO: Por quê?

MC: Porque a gente tinha uma vida tranquila. Porque meu pai trabalhava na agricultura e pra ele a agricultura era o que mais ele achava que tinha futuro. E eu sempre falava com ele que a agricultura pra mim não tinha futuro não. Primeiro que na época eu não gostava muito de está trabalhando, pra mim era jogar bola e não gostava muito de trabalhar não. Mas a gente tinha uma vida talvez, a gente foi criado talvez... Filho de rico e não tinha tanta coisa como a gente tinha com a vida de trabalhar na agricultura. Muita fartura e graças a Deus era pouca gente, só tinha dezoito lá na casa. (risos)

DO: E eram irmãos os dezoito?

MC: Irmão e muitas pessoas que a gente ... tinha três primos que a mãe deles morreram e ninguém tomou conta e minha mãe tomou conta até eles casar. Minha família toda foi criada praticamente todo mundo em casa. O que mais viveu, trabalho assim que ninguém saia de junto do meu pai e minha mãe. E eu quando estava com vinte anos dei uma volta no mundo, passei dez meses sem voltar em casa nem mandava notícias.

DO: O senhor foi pra onde?

MC: Eu andei tanto. Eu sai de onde a gente morava e fui pra Campina Grande. De Campina Grande eu fui pra Araguaçu, Recife. De Recife eu fui pra Maceió. De Maceió eu fui pra Sergipe. De Sergipe fui pra Bahia, Feira de Santana, Tipie, Vitoria da Conquista.. Ai de lá eu fui pra Belo Horizonte e de Belo Horizonte eu fui pra São Paulo, e fiz só em dez meses.

DO: Bastante lugar.

MC: Só que nunca trabalhei. Nesse período não trabalhei em nada, só passeando.

DO: Tá bom passear não é.

MC: Até hoje eu gosto não é. Ai voltei, quando eu sai a minha mãe que nunca viu um filho sair de perto. Quando eu sai ela pesava cento e quatorze quilos, quando eu voltei ela estava com menos de setenta.

DO: Caramba!

MC: É. Ai depois eu vim, ai eu casei. Eu casei dia no dia 23 de novembro, quando foi no dia quatro de março fui pra Mossoró e fiquei lá oito meses jogando bola. Depois voltei pra onde eu nasci e me crie, ai comecei numa vida de trabalhar vendendo na feira, feira muito grande no Rio Grande do Norte. Ai depois cisme de vir aqui pro Rio. Terminei lá a feira ai botei na mente: nove horas vou comprar uma passagem pro Rio de Janeiro. Ai eu fui lá, comprei uma passagem e nós estávamos vindo gente em cima do caminhão. Vinha eu e mais dois irmãos. Ai eu cheguei no caminho e oh esse é o último dia que vão me ver aqui em cima desse caminhão. Ai meu irmão: ué. Meu irmão que botou em mim esse apelido, maninho, mas ele mesmo não chamava, só me chamava de “mano”. Ai eu falei e ele: mano tu tá ficando doido?! Eu falei: não. Estou sóbrio pra caramba. Tu vai quando? Eu falei: Terça-feira. Que horas? Eu falei: duas horas estou metendo o pé. Eu vim pra cá. Ai depois eu era casado, cisme de vim pra cá, ai eu vim. Deixe, por um período três filhos lá com a minha esposa ai o rapaz lá falou: você não fica nem um mês. Ai eu falei: se eu ficar aqui menos de dez anos, eu vou trabalhar um ano de graça pra você. Só voltei quando completou dez anos. Ai depois eu voltei pra minha família. Quando eu sai de lá o meu filho mais novo estava com três meses de nascido ai eu vou lá agora só pra passear.

DO: E o que motivou o senhor a vir pra cá?

MC: Nada!

DO: Nada?!

MC: Não. Eu cheguei com aquilo na minha cabeça e fui lá comprei a passagem. Sem combinar com a mulher, com família, com ninguém. Eu sou meio maluco(risos). Da minha família eu sou totalmente diferente, os outros da família, era tudo do lado do meu pai e minha mãe, e eu maluco, até hoje graças a Deus eu estou aqui.

Quando eu cheguei aqui eu fui na rodoviária, ai eu estava lendo jornal e tinha um lugar em bar novo que alugava uma quitinete. Ai fui lá, pra lá que eu fiquei. E depois que minha esposa morreu, foi a pior fase de a minha vida ficar com três filhos sem parente, sem nada(risos). Estou falando pra você que sou meio doido...

Ai depois eu arrumei uma senhora pra tomar conta. Eu pagava a ela comida, água dela, luz, era tudo eu que pagava, mas pra ela tomar conta dos meus filhos.

DO: Aqui no Rio não é?

MC: Já aqui no Rio. Ai um dia um rapaz falou: “Manel, vamos lá na feira de Caxias”. Ai eu disse: sei nem onde é. Ai ele disse: “nós vamos”. Ai quando eu andando ali na feira, eu avistei uma mulher já era casada, que tinha vindo na minha frente pra vir pra Rio, porque ela tinha família aqui. Ai cheguei nela e falei: “Alzira”. Ai ela: “oi Maninho (o pessoal lá só me

conhece por esse apelido), o que você veio fazer aqui?” Ai eu disse: “você não veio pra cá?” Ai ela me chamou pra ir pra casa da prima dela que a gente era tudo do mesmo lugar. Ai eu falei: não sei nem onde você mora quanto mais ela. Dai ela: “não, vamos lá”. Ai foi eu, ela e o rapaz que estava comigo, ai quando chegamos lá, essa minha esposa estava lá. Ai a minha colega que fui la, a filha dela estava fazendo aniversario, zoava muito! Sempre, desde pequena era um capeta mesmo, de perturbar (risos).

Ai você é solteiro e ela: “é solteiro”. Ai eu: “não, eu sou solteiro porque eu estou viúvo, ai eu tenho três filhos, tenho três filhos. Eu não quero que você goste de mim não. Se você gostar de mim, mas maltratar meus filhos, você vai entrar de manhã e vai sair a tarde”. Ai ela: “as crianças não tem problema não. Ai domingo você vem conhecer a minha família”. Ai eu:” tá certo”. Chegou no domingo, falei: “não vou não”. Quero ver esse negocio o que vai acontecer. Ai quando foi na quarta-feira eu liguei pra ela, que ela trabalhava em casa de família na Tijuca, ai ela:” você me deu uma volta”. Ai eu:” não. É que deu um problema aqui, de trabalhar no domingo, mas domingo eu vou”. E ela me esperando no Shopping Center. Dai com uns tempos, faz anos, já tem quase uns quarenta anos ou mais que a gente tá no casamento, graças a Deus, sem nunca um dia um ter falado em tom alto pro outro.

DO: Nunca?!

MC: Nunca! Meus filhos no primeiro dia que eu levei ela pra conhecer ele, eles passaram a chamar ela de mãe. E até hoje. Eles sabem que ela não é mãe legitima, mas nunca eles faltaram com respeito a ela e trata de mãe como todo mundo.

Eu tenho um filho que tá morando aqui, outro também que mora na casa do lado e tem a Catia que é a filha legitima dela. E tem um filho que ela é enfermeiro da faculdade e mora perto da garagem da Reginas. Ai depois que eu estava aqui, veio, o primeiro que veio foi o filho desse meu irmão que só me chamava de mano. No ano só veio quatro, veio ele meu sobrinho, veio todo o filho do Mano, depois veio quatro e veio outra de outra mulher que era irmã. E até hoje a gente tá aqui vivendo, até quando Deus quiser.

DO: Eu vou querer saber mais sobre a sua vida em Caxias, mas eu queria saber um pouquinho mais da sua infância. Como eram os seus pais na época?

MC: Meus pais não podia ter melhor. Meu pai nasceu ainda no tempo da escravidão, mas a mente dele desenvolvia com o passar do tempo. Meu pai gostava de festa, gostava de baile. Ele nunca chegou a fazer assim no filho que no tempo da escravidão era uma ignorância, ele não, nunca. A minha que era de vez em quando (risos), e o pior é que os outros apanhava menos eu que apanhava mais, porque ela queria que eu chorasse. Eu falava assim: oh mãe, a senhora vai cansar, (porque ela era gorda), a senhora vai cansar mas eu não vou chorar não.

Ai que ela batia mais. Mas não era ignorante com a gente não, também a vida da gente nunca teve uma desavença, um irmão com outro, nem cunhado nem com cunhada, nem com meu pai, nada, ninguém. Era uma vida tranquila que hoje em dia tá difícil ver. Tá difícil ver uma família unida, e a gente sempre foram. E eu, graças a Deus, de vez em quando eu to indo lá, esse ano que terminei eu fui, ela não foi não, eu fui. Porque, lá em natal, evento de natal, esse lugar pertence a São Gonçalo de Amarante. O menino que tem lá, eu fui passar o natal lá, só da família sem ter todo mundo tinha quarenta e quatro só(risos)

DO: Só?!

MC: Só quarenta e quatro. E graças a Deus ninguém nunca se desentendeu, nem com irmão nem com cunhado, nem com nada.

DO: E como era a casa do senhor nessa época?

MC: A casa era grande mas não era de tijolo não é, era de, aqui chama de estoque pra gente lá é casa de “taica”, barro amassado. Mas tinha muita, muita fruta, muita... Só não tinha gado porque meu pai a terra não era dele, tomou conta, aí ele não queria criar gado na terra dos outros. Agora eu, minha vida lá era criar, era galinha, era porco, tudo a gente criava. E era uma vida tranquila. A minha alimentação, melhor do que era é impossível, é impossível! Talvez um filho de rico daqui, ele não se alimentava tão bem quanto eu me alimentei.

DO: Vocês mesmo que plantavam?

MC: Tudo plantava, e era muita coisa, muita coisa! Primeiro porque meu pai tomava conta dessa propriedade em vinte e três anos o dono dessa propriedade foi duas vezes lá em casa. Uma porque minha mãe tava muito doente, ele veio visitar e outra foi quando, ele tinha três filhos que estudava em colégio de freira, vieram nas férias pra tomar água de coco. E a gente tinha muito era criação de galinha, você tinha que ver. Minha mãe saiu lá em volta, era mato, voltava com uma cesta com trinta a quarenta ovos de galinha. A gente, a alimentação era muito fartura, meu pai dava pro pessoal. A gente tinha.. Foi uma vida tão boa que se fosse melhor, estragava! Porque alimentação dentro de casa era muito. A gente tinha, todo dia minha mãe tirava uma media de vinte litros de leite de cabra, e só dava pro consumo de casa(risos). Agora, quando tinha vizinhos com criança recém-nascida, pequeno, que as vezes os pais não tinham condições de comprar o leite pra sustentar a criança, a minha mãe mandava ele vir pegar todo dia. Sempre a gente, nunca... Tinha dia que, era um trailer assim, a gente ia almoçar que minha mãe chamava e se passasse quatro ou cinco pessoa na frente de casa, parava todo mundo pra ir almoçar, pra almoçar! A gente graças a Deus... Eu quando vim comer feijão já tinha dezesseis anos. A minha alimentação era leite de cabra e fruta, amora, laranja, banana, graviola, jaca, caju, jabuticaba, aí tinha muito, só coisa boa. Eu graças a Deus

cresci, minha família é tudo alta que nem eu. Minha vida depois de treze anos era jogar bola, jogava bola! Trabalhar não queria não.

DO: Queria ser jogador!

MC: Mas meu pai não queria. Comecei a jogar escondido porque ele falava que, na época que cara que jogava bola era vagabundo, não ganhava nada (risos), não ganhava nada! Eu ia escondido, eu fui jogar bola escondido ai daqui a pouco quando eu olhei, meu pai assim de braços cruzados, olhando também ele não falou nada, meu pai não falou nada, nada, nada. Ai pra chegar em casa tinha o rio, tinha tipo como se fosse cerrado, quando ele se encobriu ali eu peguei a roupa, passei no rio e tomei banho(risos), quando ele chegou eu já tava, ai também não falou nada. Quando foi na hora da janta ai ele falou: “oh, se você quebrar uma perna ou braço vai ficar lá”. Eu sabia que ele não deixava, era só amedrontar. A única coisa que eu fiquei com pena foi, depois que eu tava aqui, ele chegou a falecer e meus irmãos quando vieram me comunicar já faziam três meses. Ai quando eu cheguei lá meu irmão: mano(ele só me chamava de mano) vamos ver onde nosso pai se enterrou. Ai eu falei: não vou não, não vou, porque só depois que eu soube. Ai eu perguntei quando tinha sido o enterro. Ai ele: não, ele já foi enterrado ali. Ai eu: não, eu quero saber, quero saber! Botei pelo correio. Quando eu cheguei lá queria mostrar onde tinha sido enterrado, Ai eu falei: não, eu queria chegar aqui, ele podia tá acamado, mas eu queria pedir a benção a ele, que meus irmãos achavam que meu pai gostava mais de mim do que deles, e eles que ajudavam(risos) na capinada e eu não.

DO: Por que o senhor acha isso?

MC: É porque aonde ele ia, ele me chamava, pra onde ele ia ele me chamava! E a minha mãe também. Agora a minha, eu tava aqui morando já nessa casa, ai ela via primeiro de maio chegou um telegrama, porque aquele tempo pobre não tinha telefone, nem telefone e nem andar de avião, que o dinheiro não dava. Ai recebi o telegrama que ela ia morrer e não ia me ver, isso foi numa quinta pra sexta, falei: “só se ele morrer de quinta pra domingo”. Ai quando cheguei, trabalhava até aqui no deposito da Brahma aqui perto da igreja, ai eu falei com o dono: eu tenho que ficar ausente, vou visitar minha mãe que ela tá muito doente(amostrei o telegrama a ele). Ai ele virou pra mim: primeiro a família e depois o trabalho. Ai ele falou: “você tá com dinheiro?” Ai eu falei: “eu to com dinheiro, eu não sei lá o que vai”... Ai ele falou: “pega um vale ai. Fiquei dezoito dias”. Ai o cara que trabalhava no departamento pessoal ai ele falou: eu não vou pagar os dias que você não tá trabalhando não. Ai eu falei: eu perguntei ao senhor se ia pagar(tem hora que eu sou meio ignorante, seu eu tiver na minha razão sou ignorante, a pessoa vem com conversa fiada...) Ai eu fui, fiquei dezoito dias, ela melhorou ai eu vim. Quando ele pagou, pagou doze dias. Também não fui reclamar não. Ai

um dia eu cheguei e sr. Afonso falou assim: “Manel, o Ivo te pagou o mês completo?” Ai eu falei: “não, ele pagou os dias que eu trabalhei, os doze dias. Vamos lá”. Falou: “Ivo, faz ai quanto da dezoito dias do Manel?” Ai ele falou assim: “Você vai pagar? Aquele valeu que ele usou, cadê?” Ai ele:” tá aqui” (tirou da gaveta), eu mandei ele vir fazer o vale. Ai graças a Deus... Depois ele... Ele chegava, ele morava ali pro lado da G.E. Ai pra levar qualquer coisa na casa dele, só confiava se eu fosse, eu que tinha que levar, porque se fosse outra pessoa ele tinha medo de ser sequestrado. Mas era muito bacana ele, a pessoa era... Eu não tinha o que falar dele não. Tanto que quando eu botei essa laje aqui duas vezes. A primeira laje que eu botei ele mandou eu comprar depois me deu um cheque pra pagar. Ai eu já tinha botava a laje e falei: Sr. Afonso, vamos ver como que eu vou pagar o dinheiro. Ele virou pra mim: “Vcê já botou a laje?” Ai eu falei: “Já. Ta boa? Ah, por enquanto ainda não tá chovendo dentro não”. Ele tinha feito o cheque no nome da empresa. Ai falou: “isso aqui é a empresa que te deu. E graças a Deus nunca teve assim... “ De ter inimizade que eu não gosto, eu não gosto e não fico com aquilo na minha mente e não vou fazer nada que preste. Sinceramente, eu não tenho vergonha, que dizer eu sou bom, brinco, brincalhão, como eu brinco com as garotinhas, uma garota já tá adolescente, uma mulher, pode ser até uma prostituta, eu vou tratar ela como uma pessoa de bem! Agora, não me perturba não que eu não vou fazer nada que preste, depois que eu botar na cabeça que... Mas graças a Deus que até hoje não precisou não(risos).

DO: O senhor falando dos pais do senhor, foram eles que construíram essa casa onde o senhor morava?

MC: Foi...

DO: E o senhor ajudou?

MC: Não. Quando eu fui me entender de gente, já tinha a casa e só aumentou depois que foi crescendo a família.

DO: E o senhor auxiliou quando já estava maior?

MC: Rapaz, eu não gostava de trabalhar não, isso dai corta(risos). Os meus irmãos... Lá quando eu casei eu fiz uma casa pra mim, também não era de tijolo não, era de “taica”. A casa com dois quartos, sala, cozinha, banheiro. Ai quando eu vim pra cá, fui vender a casa, na época tudo era barato, vendi a casa por quatrocentos cruzeiros. A mulher me deu duzentos, morreu e eu nunca mais vi o resto(risos). Graças a Deus nunca passei necessidade. Agora, essa minha esposa ai, pra mim ela vale ouro, foi quando eu mais precisava de uma companheira, ela... Porque não é toda pessoa que vai assim querer solteira, querer assumir três filhos. Que antes disso, quando eu morava em “Vaz Novo”, ai teve uma mulher lá que ela já

me conhecia desde pequeno lá em Natal. Ai foi numa quinta-feira ela falou assim: maninho, você vai jantar sábado lá em casa. Eu conhecia ela desde pequeno. Ai eu cheguei pra jantar lá na casa dela, mas tinha uma garota que aparentava uns treze pra quatorze anos, era sobrinha do marido dela. Ai eu cheguei, tava jantando, ai ela falou: Maninho, você sabe porque foi que eu chamei você pra vir jantar aqui? Falei: não tenho... É que é pra você namorar com a Maria. Olhei pra ela, falei: Dona Gertrudes, eu não quero não. Não vou dizer que ela não vai ser uma boa dona de casa, mas a idade dela pra assumir três filhos... Talvez se fosse lá no Nordeste que não tinha... Naquela época não tinha devolução de nada era mais fácil, mas aqui, as próprias colegas dela vai começar a botar na cabeça dela que ela não vai pra praia, não vai porque três filhos... Eu não, já tenho três filhos, se eu casa com ela vou ter quatro, mas era a realidade. Ai foi quando eu conheci ela, é mais velha que eu três anos. Mas eu não queria saber a idade, eu queria saber a pessoa que fosse responsável por meus filhos. E até hoje... Eu morei ali na Pauliceia, quando eu vim pra lá é porque ela morava com a irmã dela lá na Rua Pernambuco. Ai eu aluguei uma casa perto da casa da irmã dela e morei ali doze anos. Falei: mas eu não vou ficar ali doze anos pagando aluguel não. Eu comprei essa... Isso aqui era um barraco, era só aqui, daqui pra cá era a largura da casa aqui e a outra parte não tinha nada. Ai eu comprei, fiquei pagando, quando acabei de pagar. A única coisa que eu trabalhei pra fazer foi essa casa. Não sabia... Nunca tinha trabalhado pra misturar cimento com areia, porque lá não faz casa de... Só faz de “taica”. Ai quando acabei de pagar, agora vou construir. Se eu tivesse, se eu comprasse o material não pagava o pedreiro, se eu pagasse o pedreiro também não pagava o material. Ai eu fui comprando o material, comprei cinco mil tijolos, fui comprando pedra, areia, tábuas pra terra que não endurece. Ai um dia, tinha um senhor que morava aqui, trabalhava até na prefeitura. Eu falei: “Sr. Luiz, como faz o traço pra fazer casa?” “ Eu pensava que era só fazer as colunas e alinhar. É três por um, três de areia e um de cimento. Ai eu: “tá”. A gente já tava morando ai, eu construí morando dentro da casa, porque se eu fosse pagar aluguel não ia... Ai nós fomos. Era eu, (Paulo, o rapaz que mora ali, que a gente veio a conhecer quando ele trabalhava junto com meu filho na marinha). Era eu, Paulo meu filho caçula do meu primeiro casamento, era o Luiz a gente pegou amizade porque ele entrou na marinha junto com o meu filho e a família dele morava em Teresópolis. Tinha que ir todo dia pra casa e todo dia sete horas na Avenida Brasil pra pegar o ônibus da marinha, que ele servia lá em Marambaia e não dava invasão, ele ia desistir. Ai um dia Paulo chegou aqui: Pai, eu to com um colega que vai sair da marinha porque não tem condições dele ir pra casa e chegar, da pra ele dormir aqui? A casa cabe, era só essa parte aqui, ai eu: dá, fala pra ele que a gente é pobre, mas não passa fome. Ai um disse ele chegou, Paulo tava de serviço,

ele ficou, até hoje, até hoje que ele... Ai quando foi um dia eles chamaram a gente pra conhecer a mãe dele e o padrasto, que era separado. Ai quando chegamos lá na hora do almoço o padrasto dele falou assim pra mim: “Sr. Maninho, ou o senhor é muito bom ou então o senhor é muito ingênuo”. Ai eu: “por que, qual o motivo?” O senhor acolheu um homem em sua casa com uma filha já na adolescência, você tem que conhecer. Ai eu falei assim:” Jurandi, todas pessoas merecem uma oportunidade, não é?! Então quando uma pessoa der oportunidade, ele tem que segurar com unhas e dentes”. Já fazia uns três meses que eu dei a oportunidade a ele e eu não to arrependido, porque ele... O respeito dele é tudo. Ai eu ficou... Ai agora... Eu já tinha feito essa casa aqui, ia fazer mais duas casas em cima. Ia fazer uma pro Paulo e a outra pro meu irmão e filho que moram lá perto da garagem da Reginas. Ai ele comprou uma casa e disse: comprei uma casa pra mim. Ai, Paulo morava na casa da sogra lá pro lado da Primavera. Ai eu falei: Luiz, se quiser fazer aqui em cima, faz. Ai ele fez essa casa aqui aonde a Catia mora. E a gente vive aqui tranquilo, todo mundo é amigo. Você também é daqui de Caxias?

DO: Não. Sou de São João, mas é próximo.

MC: Mas São João faz muito tempo ainda pra ele vim ainda(risos) São Pedro não ganhou nada.

DO: Puxando só mais um pouquinho as lembranças do senhor, como o senhor lembra que os seus pais cuidavam da sua casa?

MC: Depois que eu comecei a entender as coisas, eu sei agora, mas antes não. Todo mundo era dentro de casa. Só pra trabalhar assim, até ele formar a casa toda, a gente não tinha força nem de... Era tudo pequeno. Quando eu vim conhecer mesmo, a casa já tava pronta, ele aumentou depois, porque a família era grande e o pessoal dorme mais em rede.

DO: E como era a relação de vocês com os vizinhos na época?

MC: A melhor possível. As vezes o vizinho não tinha nada e meu pai falava assim (o nome da minha mãe era Maria Amelia mas só chamava de Amelia e todo mundo a conhecia assim e os que tinha mais amizade era só Amelia) ai ela falava: Amelia, pega dois frangos ai que lá o pessoal gosta muito é de farinha, botava um monte de feijão, farinha e o frango mandava a gente deixar na casa dos vizinhos pra eles comerem. A gente tinha, a fartura era grande mas os outros não tinham tanto assim, ai meu pai não deixava eles passarem necessidade não. As vezes ele chegava e falava pro dono da casa: Eu vou arrancar batata-doce, aipim, pra não ficar aqui, você manda seus filhos... As vezes meu pai arrancava uns quinze quilos de, lá é macaxeira, não é aipim e batata-doce e mandava os filhos deve vir buscar. Dava frango...

DO: E o que o senhor falou que seus pais eram bons, ajudavam a vizinhança?

MC: Tudo, tudo. Porque o pessoal lá não era assim... Vamos almoçar domingo todo mundo lá em casa. Ai talvez eles viessem, por o pessoal lá é todo diferente, diferente! Aqui se você faz uma brincadeira na sua casa, você pensa que não mas tá cheia de gente que você não sabe nem quem é. Eu moro aqui há trinta e oito anos. Tem umas pessoas aqui que educação pra eles é zero, é zero! Lá pra nós, sua casa é colada com essa outra aqui, se você fosse fazer aniversário de um filho ou de qualquer uma pessoa, se você não chamar ele, pode deixar tranquilo com a porta aberta, se ninguém chamar não vai ninguém. Tem essa diferença, aqui você pensa que não, tem gente aqui... Tem um aqui que anda aqui pra fumar droga tá ali, mas se você chamar pra varrer em frente a casa ele não vai, mas se tiver brincadeira porque aqui a gente gosta muito de fazer brincadeira ele vem, pede a comida. Eu tenho uma raiva de gente desse jeito, porque se a pessoa, uma hipótese, você tá batalhando sai do emprego, ai vai ficar difícil pra arrumar outro. Eu não tenho pena de ajudar não, me julgue, não tenho pena de ajudar não! Em tudo, se for no dinheiro, na comida, tudo mas o preguiçoso, o preguiçoso não gosto de ajudar não por que ele tá passando fome porque não tem disposição pra trabalhar. Eu falei com ele: rapaz, se você ficar catando essas garrafas pets, latinhas, todo dia você vai arrumar dinheiro pra almoçar e jantar. Mas não, se você der um prato de comida ele vai achar que você é obrigado a dar todo dia.

DO: Como foi sua vida adulta por lá?

MC: Pra mim era a mesma coisa. Era aquela vida de roça mesmo, que as vezes as pessoas crescem na cidade grande não sabe como é a vida do sertanejo, quem vive trabalhando na agricultura e é uma vida puxada na agricultura. Eu falava pro meu pai: Papai, isso daqui não é arrochado não, isso daqui é quase como você... As vezes o cara vê a chuva, nesse período de agora que estamos em novembro, pessoal já tá preocupando em preparar a terra pra quando chover, plantar. Ai as vezes cai, da uma chuva no mês de janeiro tá tudo molhado a pessoa vai e planta. Quando não é a lagarta que come, que come a lavoura todinha principalmente o milho, ai chega os... Para de chover e a lavoura desse tamanho aqui morra toda seca porque não tem, não tem como a pessoa virar... Ai que fica o prejuízo. Mas ali onde eu nasci e me criei era mais próximo da praia, quem mora mais distante, no sertão, ali que é uma vida sofrida, que no sertão as vezes passa dois, três anos sem chover. E o governo não tem coragem de fazer uns poços artesianos, mesmo pra quando o cara estivesse colhendo o que ele plantou e pagando, não, a lavoura fica... O sertão lá fica uma tristeza no verão. Se fosse só o... Tem vezes que fica quatro ou cinco anos sem chover, ai a maioria do gado morre porque não tem alimento. É uma “sofrência” só.(risos) A gente não, por quê... A gente lá era perto da

praia e na praia sempre chove. Onde tem serra e árvore e água sempre chove... Parece que atrai

DO: O senhor morou em quantas casas lá? Antes de vim pro Rio, o senhor morou só nessa casa ou mudou?

MC: Morei em duas casas: uma do meu pai (risos) e outra que eu fiz que era em frente a casa do meu pai

DO: Lá, não é?

MC: Lá, foram só nessas duas casas.

DO: Qual é a importância dessas duas casas pro senhor?

MC: Pra mim foi boa porque a primeira era do meu pai... A gente era todo mundo junto, todo mundo era amigo e também quando eu casei... Também era boa, vivia na minha casa mesmo. Meu irmão... As casas era perto, o que acordasse primeiro ia acordar o outro. Eu conheço meu irmão... Que morreu tem quase quatro anos... Cinco anos que ele morreu. Aonde tivesse um o outro estava, sabe?! Não se separava não, é tanto que quando meu irmão casou me mudei pra casa dele. Eu só saí... Toda noite eu ia dormir lá. A gente era muito unido, talvez se fosse gêmeo não era tão unido. Até agora tenho meus sobrinho, tá tudo velho já com cabelo branco, quando passa “benção, tio”. Todos eles me pede a benção, todo mundo

DO: O senhor já disse, não é... O senhor não teve uma motivação especial pra vim pro Rio, o senhor apenas quis vir.

MC: Foi assim por planejar... Que quando você planeja aí se torna um negócio mais fácil, tudo planejado fica mais fácil. Eu não... Eu falei pra você... Eu vendia na feira do Alecrim lá em Natal, mas não tinha nada na mente de vim pra cá. Foi quando... Só no sábado... Pra ir no sábado já planejei pra ir na terça-feira. O meu irmão ficou lá, nunca vi chorar tanto, parece que foi feito de gelo (risos). Ele ficava... Ah, não tenho essa garra pra chorar não, sinceramente não choro por quem morre, não choro não. A minha esposa morreu... Ela morreu aqui, ela morreu lá em Jacarepaguá, enterrou lá no Pechincha. Aí ela chegou a falecer, depois que eu mandei... Ela chegou... Porque o pessoal colocaram muita minhoca na cabeça dela falando que... Todo mundo falando que eu não ia mais procurar ela e tudo. Pessoa nascida e criada lá na roça, aí chegou aqui já chegou meia baleada, aí depois... Ela chegou aqui no dia 06 de junho de 71; adoeceu, passou mal no dia 02 de setembro e morreu no dia 08 de dezembro. Aí eu fiquei com os três filhos.

DO: O senhor disse que quando veio não conhecia Caxias e conheceu através de uma feira que o senhor fez

MC: Através de um amigo que morava em Valor (?)

DO: Aí ele te convidou pra vim aqui?

MC: Chamou pra vim na feira de Caxias. Eu falei assim “ah rapaz, sei nem pra onde fica”. Aí foi quando eu fui lá, aí vi primeiro uma colega que a gente estudamos juntos, aí depois ela foi morar na casa da irmã dela... Prima. Lá que encontrei ela (risos)

DO: O que o senhor sabia sobre Caxias? Ou nunca ouviu falar, não é?

MC: Quando eu... Depois que cheguei aqui já tinha aquele cara que era meio metido a valente. Era o Tenório, ele era metido... Metido não, ele era perverso, não era valente não. O valente, ele só briga no último recurso... Se você não sabe... O valente, ele só briga no último recurso. Enquanto dá pra ele... Aí ele... Agora quando a pessoa já passa do limite, aí já fica difícil

DO: O senhor, antes de vim aqui pra Vila Operária, o senhor morou em algum outro lugar em Caxias ou não?

MC: Não

DO: Só aqui...

MC: Morei em Caxias também, ali na Pauliceia e aqui

DO: Mas é na Vila Operária também essa rua?

MC: A Vila Operária? É não, é na Pauliceia

DO: Então, mas é Vila Operária?

MC: Não...

DO: Ah, 25 de agosto. E qual era a situação dessa casa?

MC: Ah era sala, cozinha, banheiro.

DO: Era aluguel ou...

MC: Aluguel, aluguel. Pagava aluguel. O dono da casa era um cara... Ele era do Norte, o dono dessa casa, ele era de Mossoró (risos)

DO: Muito próximo então

MC: Pra lá?

DO: Não, ele assim... De onde ele veio.

MC: Não, é distante. Mossoró... Daqui pra lá é chão pra caramba (risos). A gente pegou uma amizade, a gente tinha amizade parecia até que a gente era conhecido de muito tempo. Aonde eu tive, os lugares que passei, os lugares que eu trabalhei aqui... Primeiro trabalho meu aqui foi numa... Montar transformador pra pôr mercúrio pros postos pra Eletromar. Da Eletromar aí eu vim trabalhar no depósito de Brahma aqui na “25”. Aí daqui depois fui trabalhar em coletivo. Do coletivo foi que me aposentei. Me aposentei, recebi a casa da aposentadoria na

sexta-feira quatro horas da tarde. Só não parei lá logo no mesmo dia porque não deu pra resolver, aí no sábado também não resolvia, aí na segunda-feira já fui, não terminei nem o dia.

DO: O senhor podia fazer alguns reparos nessa casa que o senhor morou em Jardim Leal ou tinha que deixar do jeito que o dono...

MC: Não, lá era o contrário. Eu morei nessa casa, aí as vezes eu ia pintar a casa já era pro final do ano... Tinha vez que eu começava no mês de setembro, chegava a festa e não terminava que eu só tinha tempo no domingo. Aí eu tava arrumando material pra pintar, aí daqui a pouco chegava a filha do meu senhorio “Manel, meu pai tá chamando pra gente sair”, aí guardava as tintas (risos), saía e só chegava de noite. Quando chegava natal e ano novo ele não queria que a gente... Tinha que ficar na casa dele, tudo era ele que bancava. Aí começou mais a amizade, que o filho dele era muito bacana... A Cátia, esse meu senhorio que é o padrinho dela e a mulher dele. Lá não tinha nada que falar deles. As vezes minha sogra tava fritando sardinha, vinha ele e o Messias comer a sardinha. Lá parecia que era uma família só. Eu gosto muito de fazer amizade. As vezes uma pessoa... As vezes pego amizade com uma pessoa que eu nunca vi, depende do jeito que a pessoa fica... Vou colocar uma faixa ali “a casa dos amigos”. Sinceramente, amizade nunca é demais, amizade nunca é demais. Mas fazer amizade é boa, e coisa melhor que tem. Quando eu fiquei... Minha esposa morreu, eu não tinha o pau pra bater no gato nem o gato pra apanhar, porque eu gastava comigo, com ela e com as crianças e o salário não era lá essas coisas. Quando ela morreu eu fui pedir um vale lá onde eu trabalhava, lá na Eletromar, só que era 06 horas da tarde e o cara falou que não podia, que já era 06 horas. Aí tinha um rapaz que trabalhava comigo que morava lá pro lado de... Aí ele virou pra mim e falou “Manel, gente boa...”, ele só me chamava de gente boa do norte, “...Gente boa, se preocupa não que eu vou arrumar um dinheiro”. Foi lá dentro, tinha um cara que era agiota, ele foi lá e pegou o dinheiro pra fazer o enterro, aí ele me deu o dinheiro e dali já fui direto pro cemitério... Na funerária. Aí quando chegou ele perguntou “você quer fazer o velório na capela do cemitério ou na capela do hospital?”, aí eu que nunca tinha visto o velório, aí eu falei que de qualquer maneira que se eu fosse no cemitério era eu só e na capela do hospital também só foi eu, não tinha conhecimento. Aí fiquei lá, ela já tava no caixão e tudo, enterraram ela 9 horas lá no Pechincha. Aí quando foi... Deu umas 10 horas chegou o outro corpo só embrulhado no lençol (risos) e eu to olhando e o segurança lá do lado de fora... Daqui a pouco mais outro. Aí com poucos dias tinha lido no jornal que naquele cemitério do Corte 8 quando foram levar a mulher pra enterrar que tiraram e botaram em cima da terra, abrir pro cara ver a última vez, quando tiraram a tampa a mulher sentou-se no caixão, pessoal meteram o pé e deixaram ela (risos). Aí eu fiquei com aquilo na minha mente. Foi

verdade senão não saía no jornal. Aí botava aquilo na minha mente, digo “se um se levantar daí eu vou me agarrar com ele” (risos). Até o dia amanhecer com ela era quatro. Uns caras queria eu ficasse lá na casa deles pra passar uns dias, eu falei “não, eu tenho filho pra criar, não vou deixar me levar por isso não”. Graças a Deus! Aos trancos e barrancos tá todo mundo vivo (risos).

DO: Que bom! Então o senhor diria que foi importante a sua morada lá na Pauliceia?

MC: Pra mim foi!

DO: Tem boas lembranças?

MC: Tenho boas lembranças de todo mundo que tinha lá. Todo mundo era amigo, tinha mais a família dela. Tem que brincar enquanto tá com saúde e tá vivo

DO: É bom receber os amigos, não é

MC: É bom! (Conversa paralela)

DO: Quais foram as impressões... Assim, o que o senhor achou da Vila Operária quando o senhor veio aqui pela primeira vez?

MC: Ah! Eu não tenho o que falar daqui. Sinceramente! Eu moro aqui a 38 anos. Tem esse pessoal aí que vive nessa vida errada, mas graças a Deus até hoje, até hoje nunca chegou ninguém pra me aborrecer aqui. Só uma vez (risos) que meu filho tava lavando o carro aí daqui a pouco sobe um cara correndo, esses caras da boca, subiu e ficou aqui em cima, lá no canto. Eu “ô rapaz! Que negócio é esse? Já virou bagunça?” “não, eu sou lá da boca”. Eu abaixei, peguei ele aqui nos braços e nas pernas, suspendi, botei ele aqui e ia jogar lá embaixo. Falei “lá ensinaram a voar?”, to com ele aqui pegado na perna e no braço. Aí o meu filho, esse que mora aqui embaixo, “não, pai! Faz isso não que a gente vai ter represália”. Digo “eu vou meter o pé mesmo” (risos). É abuso! Também só foi esse.

DO: Também em 38 anos só teve um caso, tá bom não é?!

MC: Ta mas também não foi... Só peguei e suspendi. É abuso! A vida dele é a dele, a minha é a minha. Eu não vou discriminar ele porque ele procurou aquela vida, não é? Cada um procura a vida que ele quer seguir.

(Conversa paralela)

DO: O senhor havia dito que sua casa em Pauliceia era de aluguel. Como era a questão de documentação desse lugar lá?

MC: Logo no início, o meu senhorio dava um recibo de pagamento. Só que nos pegamos uma amizade que ele tinha cinco casas alugadas com a minha. A minha ele passou... Recebia a metade. Só que começou os outros inquilinos reclamar porquê... Ai ele falava: não, ele não

paga aluguel não, ele dá só uma ajuda. Ai depois... Botou as casas pra... Ai ele falou: não, o senhor vai pagar a mesma coisa ainda vou ser o seu fiador (risos) Foi doze anos.

(Conversa paralela)

MC: o de lá tem quase, praticamente o pessoal que eram donos das casas morreram quase tudo. O inquilino, a mulher, tudo! Morreu quase todo mundo. Até o... Tinha o filho dele, do inquilino, no sábado que eles trabalham com negócio de conserto de televisão essas coisas, aí ele saía, eu trabalhava ali na Brahma, vinha me procurar aí... Se eu já tivesse lá dali agente já ia beber (risos), aí a gente ia beber. Quando eu tava de férias ele queria... Ele sentava na porta dos clientes... Até hoje o irmão dele tem na Duque de Caxias uma loja... A gente ficava, a gente era muito

DO: O senhor tá falando do proprietário da casa não é?!

MC: Era

DO: O senhor lembra de alguma obra feita lá que o senhor fez, ou só alguns reparos ?

MC: Era só... Muito pouco pequeno. Pra família era pequeno. Teve uma vez que vieram meus sobrinhos pra cá, a casa era só sala, cozinha e banheiro e tinha uma área assim na frente. De noite não dava pra todo mundo dormir em cama, forrava o chão. De noite, passar do quarto pra cozinha tinha que fazer um zigue-zaga pra não pisar em cima (risos). Mas... Toda pessoa amigo. Esse ano, de junho pra cá, já teve quatro... Aquela parte lá em cima ficou cheio, a parte daqui de cima. E você não vê ninguém se... Porque se... Só tem um negócio, se tiver um que vier com abuso tá sujeito a ele descer de pontapé aqui nessas escadas aqui (risos). Uma hipótese: eu vou pra casa, chego lá eu vou querer abusar. Quer o que? Ele tá pensando em ganhar o que?

DO: Vai vir só uma vez não é?

MC: Se vim vai ser... E se não tiver volta, não é pior?! As vezes... Uma hipótese: tá vocês três aqui, vamos supor que uma brincadeira, um almoço, tudo, aí chega um cara abusado... Eu vou suportar?! Não vou! Ai... A minha diferença é essa, o cara tem que querer respeitar a casa dos outros. Pra mim, a casa... O respeito cabe em qualquer lugar. Eu fui criado... A minha criação, a gente era todo mundo pequeno, a gente saía, se visse uma pessoa mais velho tinha que pedir a benção e ainda beijar a mão. Se a minha mãe visse a gente não fazer isso, quando chegasse em casa as costas ia pagar, era! Todo mundo era respeitado todo mundo, meu pai também não gostava de abuso, meu pai... Meu pai nasceu ainda na escravidão em 1887, e a mente dele acho que desenvolvia...

(Conversa paralela)

DO: O senhor pode me dizer se teve participação de algum amigo seu nesses reparos na sua casa que o senhor morava de aluguel, ou o senhor fazia sozinho?

MC: O que aparecia eu fazia sozinho. Porque eu fazia, não mandava fazer que o senhorio mesmo só chamava pra beber (risos)

DO: Pra trabalhar nunca não é, mas pra beber...

MC: Era

DO: Agora vamos falar sobre essa casa que o senhor mora hoje.

MC: Tá

DO: Ela é de aluguel ou ela é própria?

MC: Essa nossa aqui?

DO: Isso

MC: Graças a Deus é nossa!

DO: E vocês tem a documentação direitinha da casa?

MC: Aqui só tem o documento de compra e venda, porque esses daqui não foi comprado. Foi o... Tinha um vereador ai que deu pro pessoal.

DO: Na época o senhor...

MC: Não, eu não estava aqui ainda, depois foi quando eu vim morar aqui que eu comprei a casa de um rapaz, eu dei uma entrada e fiquei pagando o resto. Ai quando eu terminei que eu vim trabalhar pra fazer a casa.

DO: Ah sim, entendi, E qual é relação da prefeitura com essa casa?

MC: A prefeitura aqui não tem é nada, porque eles não fazem nada. É, aqui eles só cobram o IPTU. E até agora, já fazem três anos, que eu to isento, to isento do IPTU.

DO: É por causa da idade?

MC: Hã?

DO: É por causa da idade?

MC: Não sei não. Eu pagava todo ano, nunca deixei de pagar o IPTU. Ai quando foi no dia que eu fui pagar, cheguei na prefeitura a moça tava... “ah não, o senhor tá isento”. Ai eu, quando foi no outro ano eu fui novamente pra saber que não... Ai novamente. Ai até esse ano agora, o Paulo ligou pra lá pra saber, tá isento você vai ficar pra toda vida agora.

DO: Então, só pra explicar pro senhor. Tem uma lei que diz que o local que tem risco de vida, área de risco tá isento do IPTU, lá em casa também tá a mesma coisa, todo ano tava indo e tava isento...

MC: Não sei, ninguém...

DO: É mas explicaram pra gente.

MC: Quem teve com essa conversa foi aquele vereador que morreu aqui, não é.

DO: Osvaldo.

MC: Osvaldo. Antes disso tinha um cara que trabalhava na prefeitura ai ele, o cara chegou pediu pra eu levar os documentos todos, o cara trabalhava na prefeitura, ai quando chegou no final ele falou que não dava por causa do salário que eu ganhava. Mas... Eu não fui atrás de nada não, depois foi que começou eles falarem que tava isento. Que Osvaldo tava com projeto de fazer os documentos de cada casa, documento pra você poder fazer qualquer negocio. Ai o “Zé Maria” levou (risos).

DO: Eu perguntei ao senhor se a prefeitura fazia alguma coisa aqui e o senhor disse que não faz nada. Tem alguma melhoria que o senhor saiba que a prefeitura faça aqui?

MC: Com os Osvaldo era... Ele chegava e se tivesse qualquer coisa pra fazer, tivesse um bueiro entupido, essas coisas, ligava pra ele e vinha. Ele vinha rápido, fazia e se tivesse serviço e ficasse entulho ligava pra ele e vinha... Dizer que ele não fazia. Ele fazia bem, agora quem ficou foi a mulher dele não é. Eu nunca vi político passar de pai pra filho... Agora tem parente de vereador aqui, o parente do Osvaldo (risos). Mas ele não era má pessoa não, já fui umas três vezes, eu e o Paulo, lá em cima que eles estavam fazendo projeto de aqui cada um... Você ter direito a casa como fosse comprada com tudo, mas não deu tempo (risos), cara fala que o que é bom dura pouco.

DO: A prefeitura faz algum tipo de cobrança quando vai fazer alguma coisa?

MC: Não, nunca cobraram. Aqui, tirou muitas vezes aqui mas nunca vi cobrar nenhum centavo não.

DO: O senhor já chegou a passar alguma tentativa de remoção da sua casa?

MC: Não.

DO: Já tentaram te tirar daqui?

MC: Não, desde 1984 (risos)

DO: Até hoje.

MC: Até hoje, nunca teve esse pra tirar daqui não. A casa era só de... O terreno era esse a largura todinha desse aqui, daquela parede ali até cá. Mas casa só tinha uma parte, ai depois eu que melhorei ele pra fazer isso aqui. Aqui nessa casa aqui teve, a moça tinha um cachorro, quando eu fui cortando a parede pra botar... Ai era um cachorro de boca preta que acordava e ele estava dentro de casa. Mas graças a Deus os vizinhos aqui não pode ser melhor. Nunca, sinceramente, quem sabe assim nesses lugares de comunidade igual cão com gato e aqui não, graças a Deus.

DO: Qual o papel da associação de moradores em relação a casa do senhor?

MC: Dos moradores... Me deram só um papel de compra e venda, só isso. Mais do que isso..

DO: Mas não teve nenhuma função da associação em relação a sua casa ou só essa documentação mesmo?

MC: Não, só isso. Porque na prefeitura essa casa aqui, o nome é Marechal Deodoro da Fonseca aqui, a minha casa é Armando Cerqueira. Desde que eu comprei essa casa e pago IPTU só vem Armando Cerqueira.

DO: Mas são duas ruas não é. Essa aqui e aquela outra lá.

MC: A outra já é outro nome.

DO: Já é outro nome.

MC: A outra daquele do mercado?

DO: É, tem essa daqui...

MC: Não, ali é outro nome.

DO: Essa Armando Cerqueira vai até o final?

MC: É, até no final.

DO: Pra lá é perto da casa da Renata?

MC: Pra lá é Marechal Deodoro da Fonseca, daqui até pro cara que vende ovo... Até terminar é Marechal Deodoro. Só duas casas que tem aqui que ficou com esse nome, essa minha e do Luiz.

DO: Quais os principais nomes da associação dos moradores, principais pessoas que o senhor conheceu?

MC: Praticamente foi só o Osvaldo, que antes do Osvaldo os outros que apareciam aqui não fazia era nada.

DO: Nem no passado nem no...

MC: Nem no passado, nem no presente e nem no futuro (risos)

DO: E só pra fechar, na fala do senhor fala muito da relação de amizade, de quem é próximo e vocês gostam dessa proximidade, então só pra fechar só pro senhor me responder com mais clareza... Qual a importância da sua casa da relação com essas pessoas?

MC: Muito bom. Aqui ninguém se mete na vida de ninguém.

DO: O senhor diria que sua casa é um ponto de encontro?

MC: Está sendo (risos). Porque começou o Junior casou com a Catia depois de um tempão lá não é, aí depois passou pra morar aqui, essa casa aqui que ainda mora. Aí começou a chegar o pessoal, os parentes dele vinham... Aí começou, a gente fazia festa de natal e ano-novo, aí vinha um monte de gente. Tinha um dia aqui que eu fiquei bobo que sempre que a gente faz festa de natal e ano-novo todo mundo vem aqui e faz aquela festa... Aí quando foi um dia na

véspera de natal ficou eu, Catia e o Junior lá fora e duas mesas com comida, cerveja e não apareceu um viva alma. Eu fiquei pensando tem um negocio errado (risos) não apareceu ninguém da rua ai que aqui sempre... Aqui antigamente quando chegava véspera de natal e ano-novo quando tava dando 00:00 o que me enchia de gente lá de cima pra aqui que era uma festa tanto no natal e no ano-novo, agora quase não tá vindo ninguém, quase ninguém. Você chega aqui, quando da 00:00 todo mundo vai desejar feliz natal na casa das pessoas e graças a Deus.

DO: Esse natal vou vir aqui passar com o senhor em.

MC: Pode vir, pode vir. Querendo vir é só... É tanto que agora no carnaval vamos lá pra casa só sr. Cosme.

DO: Lá pro lado das Regiões dos Lagos não é?!

MC: Não, lá já pertence... É praia mas não pertence a Rio de Janeiro não. É pro lado de Maromba. A gente vai na sexta-feira e só volta depois do carnaval.

DO: Nós planejamos uma filmagem com o senhor do lado de fora também pra mostrar a casa, a rua. Falar de lembranças como era antigamente e como é agora, mas está chovendo. Podemos voltar outro dia pra ver?

MC: Pode. Pra ver agora do tamanho que era é difícil...

DO: O senhor fica do lado de fora e vai mostrar pra gente... Depois a gente vê as fotos. E o senhor tem fotos antigas da época?

MC: Não.

DO: Nenhuma foto de quando o senhor veio pra cá ou quando construiu a casa?

MC: Não tinha não, porque ninguém nunca tirou, ia tirar com o que? Só se botasse no chão e riscasse (risos)

DO: Então vamos voltar, mas antes eu comunico ao senhor e você mostra a casa, como que era, lembrança que o senhor tem dessa rua... Porque dizem que tem algumas ruas que tinham valão.

MC: Nessas ruas de valão eu não...

DO: O senhor veio pra cá nos anos 80 não é?

MC: Vim pra cá em 85

DO: 85?

MC: 85, vim pra cá em 85. Eu comprei esse barraco em 84, mas só me mudei pra cá em 85

DO: Tá, então quando eu voltar aqui, o professor deve vir também. Ai a gente faz uma filmagem aqui fora ou de repente um dia com festa.

MC: Melhor ainda (risos)

DO: Muito obrigada pela atenção, foi ótimo!